

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E OS LUGARES DE MEMÓRIA

PHOTOGRAPHY, MEMORY AND PLACES OF MEMORY

Jacqueline Machado Silva^a

Rosa da Penha Ferreira da Costa^b

Luiz Carlos da Silva^c

RESUMO

Objetivo: A pesquisa apresenta uma reflexão sobre a relação entre memória, os lugares de memória e a fotografia. Tem como objetivo apresentar por meio de um estudo bibliográfico a compreensão do uso da fotografia como suporte para a evocação da memória, identificar os conceitos de memória (institucional, coletiva, individual e social); inferir sobre os lugares de memória estabelecendo uma correlação entre fotografia e memória. **Metodologia:** A metodologia compreende uma pesquisa bibliográfica, exploratória em que se utilizou as bibliografias indicadas nas aulas das disciplinas Informação e Memória e Imagem e Memória; - a base de dados em Ciência da Informação e o Google Acadêmico para a busca do material usado como referência nos períodos compreendidos pelos anos de 2010 a 2020. Dentre os materiais recuperados, quatro artigos foram essenciais, por tratar da relação da fotografia com a memória, e também como as fotografias se tornam objeto de representação de um lugar de memória. **Resultados:** Como resultado, observou-se a importância da percepção de novas estratégias para o uso da fotografia. As fotografias como um suporte de informação podem nos proporcionar a recuperação e/ou evocação da memória, assim como os lugares de memória. **Conclusões:** Conclui-se, portanto, que é possível compreender a fotografia como um esteio da memória, pois esta permite estabelecer uma conexão com a história, porque carrega ao mesmo tempo, um sentido material, funcional e simbólico.

Descritores: Memória. Lugares de memória. Fotografia.

^a Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Bibliotecária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), Vitória, Brasil. E-mail: jacmsilva@yahoo.com.br

^b Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Departamento de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, Brasil. E-mail: rosa.costa@ufes.br

^c Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Departamento de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, Brasil. E-mail: luizarquivologia@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial acarretou transformações econômicas, sociais e tecnológicas, proporcionando avanços em diversos campos do conhecimento como o científico, o econômico e o industrial. Foi um processo de mudança econômica, cultural e social que proporcionou o surgimento de descobertas que modificaram a vida da sociedade moderna.

Com o passar do tempo, a construção do conhecimento, torna-se crescente e em evolução, ocasionando um acúmulo de documentos de diversos tipos, como: textuais, tridimensionais, imagéticos e virtuais. As diferentes áreas do conhecimento apoderaram-se da imagem de diversas formas, e proporcionaram o surgimento de pesquisas sobre os muitos enfoques da imagem. Nas esferas, administrativa, jurídica, acadêmica, dentre outras, a fotografia, teve importante função como a possibilidade inovadora de informação e conhecimento, e desde então, tem sido a ferramenta de apoio à pesquisa.

Na perspectiva da Ciência da Informação (CI), as fotografias têm adquirido cada vez mais a importância como suportes de informação e memória. Dos muitos papéis que a fotografia pode exercer um deles está relacionado à memória, uma vez que a fotografia carrega consigo a recordação de registros pretéritos.

O trabalho justifica-se pela importância de se perceber novas estratégias para o uso da fotografia. As unidades de informação como as bibliotecas, os museus, os arquivos e os centros de documentação, também podem ser considerados lugares de memória, pois quando o “lugar de memória” é especificamente entendido como o local onde a memória se situa, tem-se a noção de repositório, lugar de guarda. As fotografias podem estar custodiadas em qualquer uma dessas unidades, circunstância essa que liga o suporte fotográfico à Ciência da Informação.

Portanto, quanto ao problema de pesquisa faz-se o seguinte questionamento: as fotografias podem ser consideradas suportes capazes de evocar informações nos lugares de memória? O trabalho tem por objetivo geral:

Apresentar através de um estudo bibliográfico a compreensão do uso da fotografia como suporte para a evocação da memória. Como Objetivos específicos: Identificar os conceitos de memória (institucional, coletiva, individual e social); inferir sobre os lugares de memória estabelecendo uma correlação entre fotografia e memória.

A metodologia constitui-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório que buscou na pesquisa bibliográfica dialogar com autores que deram embasamento teórico ao estudo em questão. Para o levantamento bibliográfico foram utilizadas as bibliografias de Pollak (1989) (1992), Le Goff (1990), Halbwachs (1990) e Nora (1993) indicadas nas aulas da disciplina Informação e Memória, do Programa de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo - PPGCI/UFES.

Os autores abordados foram usados na escrita sobre memória e lugares de memória. Pesquisou-se também na base de dados BRAPCI considerando os anos de 2010 a 2020 recuperando através dos descritores (fotografia e memória) a quantidade de 37 documentos e dois artigos foram considerados relevantes. Na mesma base de dados utilizando os descritores (fotografias e lugares de memória) não foram encontrados trabalhos que pudessem contribuir para essa pesquisa.

Quanto à pesquisa no Google Acadêmico com os descritores (“fotografias” AND “lugares de memória”) entre os anos 2010 a 2020 foram recuperados 4750 resultados, sendo analisadas as cinco primeiras páginas, e nelas foram extraídos dois artigos importantes para o tema pesquisado.

Dentre os trabalhos relevantes recuperados para essa pesquisa na base BRAPCI, usando os descritores (fotografia e memória) destacam-se: Fotografia como dispositivo da memória institucional de Felipe e Pinho (2019). A utilidade desse artigo se deve ao fato do estudo abordar a fotografia como documento, e explicar a relevância da relação da fotografia como um dispositivo para a memória.

O outro artigo com os mesmos descritores foi: O acervo fotográfico de fotografias sobre o centro de Vitória: lugar de informação e memória dos autores Cirillo e Costa (2010). Esse estudo foi útil por tratar da importância dos

acervos fotográficos enquanto patrimônio histórico, artístico e cultural e o seu papel no fortalecimento da memória.

Com os descritores (“fotografia” AND “lugares de memória”) no Google Acadêmico foram pertinentes: Thumbs fotográficos como lugares de memória: a profanação do acontecimento e a lógica de arquivo da autora Casadei (2013). O resgate desse trabalho foi essencial, porque o estudo, discute como as fotografias se ligam a nossa memória coletiva, e também como o arquivo de fotografias se torna objeto da representação de um lugar de memória.

Ainda com os descritores (“fotografia” AND “lugares de memória”), a recuperação da pesquisa de Freire (2012) – Fotografias como lugares de memórias portáteis: identidades, discursos e significados da agricultura de Portugal, foi significativa por falar sobre a fotografia enquanto «lugares de memória», que simultaneamente fomenta à recordação, permitindo um referencial que previne a dispersão dos acontecimentos.

Também foram analisadas as bibliografias dos artigos recuperados e dessas foi selecionada uma tese sobre memória institucional da autora Icléia Thiesen Magalhães Costa. As demais literaturas que relatam sobre fotografia, Kossoy e Berger, foram indicações da disciplina Imagem e Memória.

A pesquisa abordou os conceitos de: memória, memória individual, memória coletiva e memória social, sob o prisma de autores como: Le Goff (1990), Halbwachs (1990), Pollak (1989, 1992), Gondar (2005), Felipe e Pinho (2019), Costa (1997).

Posteriormente a pesquisa vai tratar sobre os lugares de memória na perspectiva de Nora (1993), já a fotografia como suporte capaz de evocar informações nos lugares de memória tem como referência os estudos de Berger (2017), Kossoy (2001), Cirillo e Costa (2010), Malverdes e Lopes (2017), Casadei (2013), Freire (2012).

2 MEMÓRIA

Memória é a capacidade de guardar lembranças do passado. Primeiramente, a memória parece ser um fenômeno individual, subjetivo, e

assim era vista antes de Halbwachs, que foi o pioneiro a observar o caráter social da memória.

Le Goff (1990) conceitua memória, como a capacidade de preservar determinadas informações, direcionando-nos primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode empregar impressões ou informações pretéritas, ou que ele representa como passadas. Para o autor, os fenômenos da memória no que diz respeito aos aspectos biológicos e psicológicos são resultados de sistemas dinâmicos de organização, só sendo capaz de existir ao passo que essa organização os mantém ou os reconstituem. Dessa forma, alguns cientistas foram induzidos a se aproximar de fatos estreitamente ligados aos campos das ciências humanas e sociais. Le Goff (1990) aborda as questões relacionadas à memória individual e coletiva.

No decorrer dos séculos, estudiosos de diversas áreas do conhecimento dedicaram-se ao estudo da memória, aumentando assim, o número de pesquisas sobre essa temática. Para embasar os conceitos sobre os tipos de memória (individual, coletiva, social e institucional) abordaremos as concepções de alguns autores como Nora (1993), Pollak (1989/1992), Halbwachs (1990), Cirillo e Costa (2010) Le Goff (1990) e Costa (1997).

2.1 MEMÓRIA INDIVIDUAL

Em relação à memória individual Le Goff (1990, p. 368), afirma que “os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento [...], nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual”. Para o autor seria um fenômeno individual e psicológico que proporcionaria ao homem atualizar impressões ou informações passadas.

Para Gondar (2008), a afirmação de Le Goff pode ir além, ele afirma que a memória individual teria como característica ser interior e subjetiva, à qual faltaria a dimensão visível e tangível da memória social: o documento. Na falta deste, a memória individual encontraria dificuldades para ser compartilhada; mas enquanto fenômeno individual ela poderia ser transmitida por meio da

palavra. Segundo Gondar (2008) esse ponto de vista sobre a memória é tradicionalmente aceito, mesmo por aqueles que defendem um caráter social à transmissão da memória individual. Já na visão de Pollak (1982) memória individual são os acontecimentos vividos pessoalmente.

2.2 MEMÓRIA COLETIVA

Já a memória coletiva segundo Le Goff (1990), faz parte da luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se detentora da memória e do esquecimento, é uma das preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, dominantes e dominados das sociedades. Le Goff designa memória coletiva para os povos sem escrita, nessas sociedades a memória coletiva parece estabelecer-se em torno de três grandes interesses:

a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 1990, p. 372).

Para Halbwachs (1990) o indivíduo só é capaz de lembrar quando inserido em um grupo de referência, ou seja, o grupo no qual o indivíduo faz parte, pois a memória é constituída coletivamente e submetida a mudanças constantes. Para ele a memória deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente que está relacionada a lembranças de fatos vivenciados e que mantêm conexão com o grupo ao qual pertence, ou seja, o importante é a dimensão do pertencimento social, criado por relações afetivas que conservam a vida e o que foi vivido nas lembranças comuns, produtora de uma memória social.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Segundo Pollak (1992) a memória coletiva, refere-se aos acontecimentos que ele denomina de “vividos por tabela”, isto é, acontecimentos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade a qual o indivíduo julga pertencer. Para o autor a memória é formada por pessoas, personagens.

O autor aponta que para além dos personagens e fatos ocorridos, existem os lugares de memória, que estão ligados a alguma lembrança, que pode ser uma lembrança de cunho pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico, ele cita como exemplo o lugar de férias na infância, lugar que foi muito marcante e permaneceu na memória do indivíduo, independente da data real em que o fato ocorreu.

Nos aspectos mais públicos da memória do indivíduo, de acordo com Pollak (1992) pode haver lugares de auxílio à memória, que são os lugares de comemoração. Já os monumentos aos mortos, são lembranças do período vivido pela própria pessoa, ou um tempo vivenciado por tabela. Com relação aos lugares muito longínquos, afastado do espaço-tempo da vida de um indivíduo, podem ser lugar relevante para memória do grupo, portanto do próprio indivíduo, seja por tabela, seja por pertencer a esse grupo.

Ainda na ótica de Pollak (1992) os três parâmetros, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos sejam direta ou indiretamente, podem evidentemente estar relacionados a acontecimentos, personagens e lugares reais, mas também podem estar relacionados, a projeção, transferência de outros eventos. Fora essas projeções, que podem ocorrer na categoria de eventos, lugares e personagens, existem também o problema dos vestígios datados da memória, isto é, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento.

No caso de transferência de memória, essa pode se dar por herança dos pais, transferência de datas oficiais, onde se dá a primazia da memória sobre determinada cronologia política. Depois de discorrer sobre os elementos da memória, assim como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer na memória a nível individual ou coletivo, aponta uma característica da memória que é a seletividade, pois nem tudo fica gravado ou registrado (POLLAK, 1992).

A memória que é em parte herdada, segundo Pollak (1992) não faz alusão apenas à pessoa física. As preocupações do momento formam um elemento de estruturação da memória, o que faz a memória sofrer flutuações em virtude do momento em que ela é articulada e expressa, e isso também

ocorre na esfera da memória coletiva, ainda que ela seja mais organizada. Como exemplo o autor traz a memória nacional, embora seja organizadíssima, constitui-se objeto de disputa para determinar que datas e acontecimentos que são importantes para serem lembrados pelo povo. Essa característica de organização da memória em consequência das preocupações pessoais e políticas do momento demonstra que a memória é um fenômeno construído.

Na perspectiva de Pollak (1989) estudar as memórias coletivas vigorosamente concebidas, como a memória nacional, acarreta primeiramente a observação de sua função.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

Portanto, a memória comum, segundo Pollak (1989), tem como funções manter a coesão interna e defender as fronteiras do que é comunitário, incluindo o território.

2.3 MEMÓRIA SOCIAL

Com relação à memória social na visão de Le Goff (1990) compreendê-la é uma importante forma de discutir os problemas do tempo e da história, no que diz respeito a memória está ora em retraimento ora em transbordamento. Para o autor, a memória constitui-se em elemento fundamental para a identidade individual ou coletiva, que é uma busca essencial dos sujeitos e das sociedades de hoje, porém a memória não é somente, sinônimo de conquista, mas é também um instrumento e um objeto de poder.

Já na concepção de Gondar (2005) a memória social é fruto da transdisciplinaridade, não constituindo um conceito único, mas é caracterizada como polissêmico. Para o autor, quando se pergunta o que é memória social, ele diz que não pode haver autoritarismo conceitual, que essa pergunta não

terá resposta única, pois a memória comporta diversos sentidos de acordo com cada disciplina ou estudioso sobre o assunto.

Para entender isso, Gondar (2005), relata que basta consultar as pesquisas que são desenvolvidas nesse campo, pois existem diferentes formas de compreender a memória social e muitos modos de abordá-la, abrangendo pontos de vistas teóricos, éticos e políticos diversos. Segundo ele há uma multiplicidade de definições, que não é possível formular um conceito de memória social no sentido clássico do termo, ou seja, aquele que implica requerer a identidade e permanência de alguma coisa. Para ele o conceito de memória social é algo que se move, sendo formados para serem pensados e devem admitir acompanhar essa mobilidade.

De acordo com Guarini (2002) a memória é uma construção social tendo em vista que o indivíduo precisa estar inserido em um contexto social para lembrar. Além do mais, a memória toma por empréstimo a linguagem e as tradições que são peculiares de uma determinada sociedade. Para a autora mesmo no seu diálogo interno, o indivíduo se lembra de situações vivenciadas ou emoções passadas através de palavras. Até a invenção da escrita, a oralidade era o sustentáculo da memória social.

Na concepção de Guarini (2002) a memória também é considerada social porque está localizada em certo tempo e espaço, porque está marcada em objetos específicos (uma rua, uma casa de família, um monumento histórico, uma obra de arte, etc.). O surgimento da escrita proporcionou o registro dessa memória coletiva de forma mais organizada e precisa e os Livros e documentos escritos (como obras culturais) são suportes privilegiados desta memória social. Posteriormente, a fotografia também permitiu apoiar essa memória social.

2.4 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Outro tipo de memória a ser retratada é a memória institucional. Na ótica de Felipe e Pinho (2019) a memória das instituições é importante para a sociedade, pois está relacionada à memória social, constituindo-se como forma de comunicação com a sociedade da qual faz parte, e também é por meio dela

que se entra em contato com a história das práticas da instituição. A memória institucional será desenvolvida conforme as características da instituição. Para Rueda, Feitas e Valls (2011) em virtude dos estudos antropológicos, sociológicos e históricos, voltados à questão da memória, as empresas perceberam que para seu crescimento era importante registrar e preservar sua memória.

É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas informações que interessam o seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam em rede no campo social, o limite de uma instituição é outra instituição. E as informações relevantes para a recuperação da memória institucional devem ser, por isso, buscadas não apenas nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais. A memória institucional está em permanente elaboração, pois é função do tempo (COSTA, 1997, p. 153).

É no contexto das políticas de construção da memória que ela pode ser compreendida como um constructo social, uma iniciativa de manter vivas as experiências do passado que se tornam sustentáculos para o presente e o futuro. Nessa conjuntura de preservação da memória surgem os lugares de memória que são representações sociais que contribuem para o conhecimento sobre os acontecimentos pretéritos.

3 LUGARES DE MEMÓRIA

Para tratarmos sobre os lugares de memória, a pesquisa terá como base os estudos de Nora (1993). Para ele, os lugares de memória são os lugares onde a memória se cristaliza. Segundo Nora (1993, p. 7), “há locais de memória porque não há mais meios de memória”, esse desmoronamento da nossa memória ocorre mundialmente, devido ao fenômeno da mundialização, a massificação e a mediatização. “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história” (NORA, 1993, p.8).

Conforme Nora (1993) o rompimento com o passado se mistura com o sentimento de memória despedaçada. O autor cita como exemplo o fim dos

camponeses, essa comunidade-memória por excelência cuja tendência como objeto da história teve como simultaneidade o ápice do crescimento industrial.

O fim das sociedades-memória como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para reparar o futuro; quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade (NORA, 1993, p. 8).

O medo do esquecimento induz a preocupação pelo registro.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 15).

Ainda na visão de Nora (1993) o processo de aceleração da história contradiz a memória verdadeira, social, intocada, das sociedades primitivas com a história das sociedades contemporâneas, que estão sujeitas ao esquecimento do passado em virtude da mudança do mundo atual. As tradições, as vivências e os costumes deixam de fazer parte do cotidiano, a memória deixa de ser encontrada em determinado grupo social, aparecendo, portanto, a necessidade dos lugares de memória para salvaguardar os vínculos sociais e escapar da ameaça do esquecimento.

Na ótica de Nora (1993) museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são testemunhos de outra era, sinais de pertencimento de um grupo. Para ele,

menos memória é vivida do interior, mais é necessário que ela tenha apoio exterior e de referência concreta de existência que só é vivida por meio delas. Isso justifica a presença do arquivo que marca nossa época, não apenas pelo volume que é produzido naturalmente pela sociedade moderna, nem só pelos meios técnicos de reprodução e de conservação, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. Para o autor são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, 21).

Para o autor as três vertentes sempre vão coexistir.

Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testemunho, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p.21-22).

O sentimento quanto ao desaparecimento rápido e definitivo (provocado pela aceleração da história) segundo Nora (1993) provoca uma preocupação com o exato significado do presente e a incerteza do futuro, o que acarreta uma necessidade de transformação dos vestígios em testemunhos, suportes materiais da memória como referências concretas. O respeito ao vestígio provocou no tempo atual, a preocupação em produzir arquivos que desempenham o papel de estoque material daquilo que não somos capazes de lembrar.

À medida, em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. A liquidação da memória foi soldada por uma vontade geral de registro (NORA, 1993, p. 15-16).

O medo da perda de referenciais espacial-temporal-afetivos dos grupos sociais acarreta na contemporaneidade a necessidade de crescimento dos lugares de memória que desempenham o papel de suporte dos registros daquilo que foi vivenciado, trazendo a possibilidade de lembrança no decorrer da aceleração do tempo.

No entendimento de Nora (1993) os lugares de memória têm três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, ao mesmo tempo, apenas em níveis diversos. Esses três sentidos coexistem sempre. Segundo Nora (1993, p. 22), “inicialmente, é preciso ter vontade de memória. Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história”.

O lugar de memória para Nora (1993, p. 27) “é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. Os lugares de memória somente se constituirão em espaço de preservação de uma memória se a comunidade em que eles estiverem inseridos, assim os reconhecer. Os lugares de memória nascem do desejo de se guardar memórias e histórias que serão transmitidas às gerações futuras como forma de rememorar fatos e situações que se querem eternizar, assim também entendidas as fotografias.

4 A FOTOGRAFIA COMO SUPORTES CAPAZES DE EVOCAR INFORMAÇÕES NOS LUGARES DE MEMÓRIA

Uma única imagem possui inúmeras informações sobre um momento vivido. “É que as fotografias mostram, em seus conteúdos, o próprio passado. Pelo menos aquelas frações do real visível de outrora que foram selecionadas para os devidos registros: os recortes da primeira realidade na dimensão da vida” (KOSSOY, 2001, p. 152).

Berger (2017) relata em sua obra que entre os antigos gregos, memória era a mãe de todas as musas, e era talvez a mais próxima à prática da poesia. A poesia naquele período, não era só uma forma de contar histórias, mas um elenco do mundo visível; a poesia oferecia comparações como forma de demonstrar correspondências visuais.

Ainda na perspectiva de Berger (2017, p. 131) “uma fotografia é mais simples que a maioria das memórias, e sua abrangência, mais limitada”. Porém, com o surgimento da fotografia, temos um novo instrumento de expressão, mais intimamente ligado à memória do que qualquer outro. “A musa da fotografia não é uma das filhas da Memória, mas a própria Memória”.

De acordo com Cirillo e Costa (2010) a partir de 1940 as imagens foram muito usadas para ilustrar uma gama diversificada de assuntos como: moda, natureza, turismo, transportes, arquitetura, comércio, indústria, conflitos sociais dentre outros temas. Como consequência desse uso indiscriminado das imagens, surgiram muitas agências fotográficas especializadas, e mais tarde, bancos de imagens, arquivos fotográficos que podiam ser acessados por empresas de turismo, jornais, revistas, publicidade e outras dos mais diversificados ramos. As instituições públicas e privadas também passaram a adotar bancos de imagens com acervos históricos que se constituem hoje como um grande volume documental.

Dando sequência ao entendimento de Cirillo e Costa (2010) as imagens reunidas por várias instituições, muitas vezes são submetidas a intervenções cirúrgicas: manipulações e adaptações que modificam seus conteúdos históricos e simbólicos, assim como desconsideram seus tempos formativos. Há alteração de significados, não existindo uma conexão da imagem com seus tempos representativos.

Hoje, uma fotografia que pertença a alguma instituição custodiadora e que esteja completamente descontextualizada e apartada de qualquer informação que consiga reconfigurar sua gênese documental, segundo Malverdes e Lopes (2017), talvez seja uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas no processo de ressignificação dos acervos fotográficos. Para Kossoy (2000, p. 129) “seria uma imagem perdida, sem identificação, sem identidade... sem história”.

Nesse contexto Kossoy (2001) nos adverte que se essas imagens não estiverem inseridas no cenário histórico específico em que foram originadas, nada ou pouco trará de informações ou emoções. Portanto se não houver interesse em conhecer e compreender o momento histórico em que essas imagens foram geradas, não será possível avaliar a importância delas, “em função disto ela não sobreviverá sem os dados que a identificam, sem a devida interpretação que a situa e a valoriza” (KOSSOY, 2001, p. 154).

Le Goff (1990, p. 402) advoga que “é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade

visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

A fotografia, conforme defende Kossoy (2000) age em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança de um momento e situação que não mudam, de uma certa luz, e um determinado tema paralisados contra a passagem do tempo. As fotografias são consideradas para Kossoy como pedaços congelados do passado em que as pessoas podem usar para recordar momentos de suas trajetórias de vida. Elas sobrevivem após o desaparecimento físico de quem as deu origem (referente), elas representam as ligações documentais e afetivas que eternizam a memória. “Fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2000, p. 132).

A importância da fotografia como memória está na possibilidade dela ser objeto de pesquisa, de descoberta, de preservação de nossas lembranças, de momentos, de pessoas, para que não haja perda da referência do passado, dos valores e da história. “A fotografia é a recordação de uma vida sendo vivida” (BERGER, 2017, p. 78).

Desde sua popularização na década de 1940, ao se tornar um objeto doméstico, as fotografias passaram a fazer parte da memória familiar.

Mediante o surgimento de máquinas fotográficas de operação simples e relativamente baratas, que permitiram a fixação rápida e fácil de ‘instantâneos’, a vida de grupos sociais e indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários (SIMSON, 2005, *apud* CASADEI, 2013, p. 3).

Não somente a vida individual, mas também a coletiva, conforme explica Casadei (2013), passam a ser mira dos fotógrafos, e algumas dessas fotografias tornaram-se pontos de referência para o sentimento de pertença a um grupo e pontos de ligação de identidades coletivas, valores consensuais e regras de comportamento implícitas.

Casadei (2013) ao citar Zelizer (1998) lembra sobre as fotos tiradas no campo de concentração (Figura 1) durante o Holocausto, que passaram a ser referências relevantes para a memória coletiva sobre esse fato histórico, transformando-se em representações icônicas e perpassam certos valores

compartilhados. “Não é ocasional, portanto, o modo como muitos lugares de memória se constrói em torno de fotografias-chave”, (CASADEI, 2013, p. 3).

Figura 1 - Prisioneiros no campo de concentração de Auschwitz – Polônia



Fonte: Escola Educação, (2021).

É pertinente lembrar, de outras fotos que marcaram a história, a segunda foto representada na Figura 2, se tornou um símbolo da Guerra do Vietnã, pois muitos acreditam que ela tenha colaborado para que a guerra chegasse ao fim, tornou-se um documento histórico.

Nessa foto, a menina que vivenciou momentos de terror da guerra que foram congelados pela câmera do fotógrafo Nick Ut em 1972. Hoje, aqueles que não viveram o momento têm a possibilidade de ter consciência do ocorrido através da visualização da foto. Essa fotografia tem significados no presente não só para o mundo por conta do conteúdo registrado, mas também porque a personagem central da imagem, Kim Phuc Phan Thi, já deu entrevistas falando de como a foto mudou sua vida.

A fotografia configurou-se uma das fontes de informação que contribuiu para a formação da memória histórica, sendo uma das formas de moldar a memória constituindo-se em um suporte relevante para a preservação social dos elementos que desenvolvem a história e que podem estar contido nos lugares de memória carregando uma carga emotiva, informacional e testemunhal trazendo as representações sociais para os diversos povos.

Figura 2 - Menina vietnamita correndo nua após o bombardeio de sua vila



Fonte: G1 (2012).

Já a terceira foto (Figura 3), retrata as torres gêmeas em Nova York em 2001 que podem ser consideradas suportes para evocar a memória não somente pela representação de um passado histórico, de um atentado terrorista, mas também pelo fato das torres não existirem mais, a foto passa a ser um suporte de memória daquilo que um dia existiu. São fotos cheias de simbolismo e historicidade.

Figura 3 - Torres gêmeas em Nova York em 2001



Fonte: Wikipédia, (2001).

Para Casadei (2013) os encadeamentos para os lugares de memória, concebidos a partir do uso social das fotografias históricas são imensos e podem ser refletidos a partir do modo como elas se diferenciam dos lugares de memória convencionais (como os museus, os monumentos e as comemorações públicas). Para Nora, os lugares que cristalizam o passado são considerados os lugares de memória, tais (como os museus e monumentos,

bem como as fotografias que permeiam esses lugares).

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. *Templum*: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa (NORA, 1993, p. 27).

Para Freire (2012, p. 163) as “fotografias, enquanto documentos históricos, muitas vezes guardadas em arquivos públicos, ao adquirirem significados no presente podem transformar-se em lugares de memória”. Ainda de acordo com Freire, as fotografias provocam comparações entre diversos tempos e realidades, colaborando dessa forma para apoiar a análise histórica, enquanto linguagem sobre o passado.

As fotos provocam comparações entre diversos tempos e realidades, o que contribui para embasar a análise histórica, enquanto linguagem sobre o passado. Guardadas em arquivo, ou usadas em diferentes ocasiões pelos pesquisadores, às fotografias são consideradas gatilhos de memória, e ao mesmo tempo incitam a criatividade.

Como lugares de memória, segundo Freire (2012) as fotografias estimulam a recordação, ao passo que fornece um referencial não permitindo a dispersão. Os lugares de memória permitem constituir a conexão entre a memória e a história porque assumem, ao mesmo tempo, um sentido material, simbólico e funcional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar através de um estudo bibliográfico a compreensão do uso da fotografia como suporte para a evocação da memória. Para isso, essa pesquisa buscou refletir os conceitos de memória individual, coletiva, social e institucional, bem como os lugares de memória na visão dos autores apresentados no trabalho.

Foi constatado o valor de memória da fotografia. As fotografias revelam

em seu conteúdo frações do passado que foram selecionados pelo fotógrafo para registro, consideradas por Kossoy (2001) memória visual do mundo.

Quanto aos lugares de memória na concepção de Nora (1993), primeiramente é preciso ter vontade de memória, e depois de acordo com Freire (2012, p. 163), “estes lugares permitem estabelecer a ligação entre a memória e a história porque assumem, simultaneamente, um sentido material, simbólico e funcional”.

A fotografia quando compreendida como um suporte capaz de evocar a memória permite estabelecer uma conexão entre a memória e a história, porque carrega ao mesmo tempo, um sentido material, que é a fotografia em si, e os sentidos simbólico e funcional que serão atribuídos pelos responsáveis pela guarda dessas fotografias.

Os lugares de memória são construções sociais e conforme Casadei (2013) os diferentes usos sociais da fotografia ligam distintas composições de lugares de memória. As fotografias familiares são pequenas demonstrações de suportes de memória particulares que se conectam a papéis sociais mais amplos.

Como suportes de memória, as fotografias permitem às gerações futuras o conhecimento não só da história familiar, mas também o conhecimento de momentos históricos de país. Para Freire (2012, p. 177), “a facilidade de captar, guardar, reproduzir e divulgar fotografias autorizam os investigadores, nomeadamente os historiadores, a equacionar novas estratégias para usar estas imagens de forma pertinente no decorrer das pesquisas”. A fotografia tem o poder de informar sobre o mundo e sobre a vida.

REFERÊNCIAS

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CASADEI, Eliza Bachega. Tumblrs fotográficos como lugares de memória: a profanação do acontecimento e a lógica de arquivo. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 12, n. 2, p. 19-32, out. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/135244>. Acesso em: 08 jun. 2021.

CIRILLO, Aparecido José; COSTA, Rosa Ferreira da. O acervo de fotografias

sobre o centro de Vitória: lugar de informação e memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 11., 2010. Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Ancib, 2010, p. 1-20. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/2232>. Acesso em: 05 jul. 2020.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Cap. 4. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/686>. Acesso em: 05 jan. 2021.

ESCOLA EDUCAÇÃO. **Campo de concentração de Auschwitz**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/campo-de-concentracao-de-auschwitz/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fabio Assis. Fotografia como dispositivo da memória institucional. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 89-101, fev. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4339>. Acesso em: 05 out. 2020.

FREIRE, Dulce. Fotografias como lugares de memórias portáteis: identidades, discursos e significados da agricultura em Portugal. **Ler História**, Coimbra, n. 63, p. 163-177, set. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/199>. Acesso em: 01 jun. 2021.

G1. GLOBO. **Fotografia mais famosa da Guerra do Vietnã completa 40 anos**. [S. l.], 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/06/fotografia-mais-famosa-da-guerra-do-vietna-completa-40-anos.html>. Acesso em: 16 jun. 2021.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra-capas, 2005. p. 11-26.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus**: Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 1-6, mar. 2015. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815/4305>. Acesso em: 22 jun. 2021.

GUARINI, Carmen. **Cuadernos de Antropología Social**, Madrid, n. 15, p. 113-123, 2002. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/4620/4118>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. (Coleção Repositórios). Disponível em: <https://issuu.com/editoraunicamp/docs/1115>. Acesso em: 06 jun. 2020.

MALVERDES, André; LOPES, André Porto Ancona. A fotografia e seus tentáculos: interpretações possíveis no universo dos arquivos. **Incid: Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 24-45, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/103427>. Acesso em: 15 jun. 2020.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC, n. 10, 1993. Projeto História. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/%20view/12101/8763>. Acesso em: 18 jan. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 01 jun. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória institucional: uma revisão de literatura. **Crb-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9723>. Acesso em: 16 abr. 2023.

WIKIPEDIA. **World Trade Center**. [S. l.]: 2001. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center_\(1973%E2%80%932001\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center_(1973%E2%80%932001)). Acesso em: 16 jun. 2021.

PHOTOGRAPHY, MEMORY AND PLACES OF MEMORY

ABSTRACT

Objective: The research presents a reflection on the relationship between memory, places of memory and photography. It aims to present, through a bibliographic study, the understanding of the use of photography as a support for the evocation of memory, identify the concepts of memory (institutional, collective, individual and social); infer

about places of memory by establishing a correlation between photography and memory. **Methodology:** The methodology comprises an exploratory bibliographical research in which the bibliographies indicated in the Information and Memory and Image and Memory classes were used; - the Information Science database and Google Scholar to search for material used as reference in the periods between 2010 and 2020. Among the materials recovered, four articles were essential, as they deal with the relationship between photography and memory, and also how photographs become the object of representation of a place of memory. **Results:** As a result, the importance of perceiving new strategies for using photography was observed. Photographs as an information support can provide us with the recovery and/or evocation of memory, as well as memory places. **Conclusions:** It is concluded, therefore, that it is possible to understand photography as a mainstay of memory, as it allows us to establish a connection with history, because it carries, at the same time, a material, functional and symbolic meaning.

Descriptors: Memory. Places of memory. Photography.

FOTOGRAFÍA, MEMORIA Y LUGARES DE MEMORIA

RESUMEN

Objetivo: La investigación presenta una reflexión sobre la relación entre memoria, lugares de memoria y fotografía. Tiene como objetivo presentar, a través de un estudio bibliográfico, la comprensión del uso de la fotografía como soporte para la evocación de la memoria, identificar los conceptos de memoria (institucional, colectiva, individual y social); Inferir sobre lugares de la memoria estableciendo una correlación entre fotografía y memoria. **Metodología:** La metodología comprende una investigación bibliográfica exploratoria en la que se utilizaron las bibliografías indicadas en las clases Información y Memoria e Imagen y Memoria; - la base de datos de Ciencias de la Información y Google Scholar para buscar material utilizado como referencia en los períodos comprendidos entre 2010 y 2020. Entre los materiales recuperados, cuatro artículos fueron fundamentales, ya que abordan la relación entre fotografía y memoria, y también cómo las fotografías se convierten en Objeto de representación de un lugar de memoria. **Resultados:** Como resultado, se observó la importancia de percibir nuevas estrategias en el uso de la fotografía. Las fotografías como soporte informativo pueden proporcionarnos la recuperación y/o evocación de la memoria, así como lugares de memoria. **Conclusiones:** Se concluye, por tanto, que es posible entender la fotografía como un pilar de la memoria, ya que permite establecer una conexión con la historia, porque conlleva, al mismo tiempo, un significado material, funcional y simbólico.

Descriptores: Memoria. Lugares de memoria. Fotografía.

Recebido em: 06.10.2023

Aceito em: 16.02.2024